

Carta semanal 14 (2019): Não existe Democracia quando a verdade está presa



Ricardo Stuckert/Instituto Lula, *Lula* (2018).

05 de abril de 2019

Queridos amigos e amigas,

Saudações do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social.

Você abrirá esta carta e a lerá apenas alguns dias antes de Luiz Inácio Lula da Silva acorlar na sede da Polícia Federal, em Curitiba, no dia 7 de abril, aniversário de um ano de seu encarceramento. Você irá adiante com seu dia, talvez lendo pedaços desta carta ou guardará para ler mais tarde. Lula provavelmente vai comer o que comeu no primeiro dia de prisão: pão com manteiga e café. Ele saberá que em todo o planeta haverá manifestações em seu nome. "Lula Livre", as pessoas vão gritar. Você não está sozinho, eles vão dizer. *Você não está sozinho*. Isso lhe dará esperança.



Vídeo da campanha Lula Livre, 1 de Abril 2019.
Há algumas semanas, Lula enviou uma "carta aos militantes", na qual dizia ter sido "preso injustamente". Na cela de sua prisão, recebeu o sociólogo José de Souza, autor de *A Elite do Atrazo: da Escravidão à Lava Jato*. O que colocou Lula na prisão foi a Operação Lava Jato, uma investigação sobre corrupção que engoliu muitos políticos (leia mais em nosso quinto dossê, "Lula e a Batalha da Democracia").
A figura mais recente a ser presa foi o ex-presidente Michel Temer, que assumiu o manto da elite contra Lula e sua sucessora Dilma Rousseff. Temer foi acusado de estar no centro de uma rede criminoso que recebeu quase 2 bilhões de reais em propinas. A escala de sua corrupção é épica. Lula foi acusado de aceitar propinas no valor de 32 milhões de reais – acusação baseada na afirmação de um homem que acusou Lula, a fim de reduzir seu tempo de prisão. Nem a escala do crime nem a evidência oferecem confiança no sistema judiciário brasileiro. Não admira que 464 juristas brasileiros tenham assinado uma carta, no mês passado, contra a falsa natureza das evidências e do processo judicial contra Lula. Como escrevi em minha coluna esta semana, o juiz Sérgio Moro processou o ex-presidente como se ele fosse o homem mais corrupto do planeta. Moro agora se juntou ao gabinete do governo de Jair Bolsonaro. A corrupção *quid-pro-quo* de um juiz que torna possível uma vitória presidencial, eliminando Lula da corrida e assumindo um emprego no gabinete do novo presidente não levantou suspeitas suficientes.
Lula permanece preso a um ano. Temer foi libertado em quatro dias.



Irradição do Amarelo, J. Rabahadere, 1933.
O livro de José de Souza sugere que a longa história de escravidão do Brasil (de 1532 a 1888) gerou profundas marcas de um honroso racismo e privilégio oligárquico para a cultura brasileira. As elites não apenas desprezavam Lula por seu histórico de classe (ele passou de vendedor de rua a operário fabril), mas o odiavam por sua fidelidade aos afro-brasileiros e às comunidades indígenas. O governo Lula teve que lutar contra 500 anos de ódio de classe e raça sedimentada, além do ressentimento conservador contra a luta pela igualdade das mulheres e pela justiça social. Lutou contra a fome com tanto empenho quanto lutou contra a desigualdade racial, a misoginia e a transfobia. Souza argumenta que a "elite decadente" teve que se virar, o que levou a dois processos. Primeiro, um "golpe legislativo", o *impacimento* profundamente falho de Dilma, em 2016. Segundo, um "golpe judicial", com o uso da investigação Lava Jato para remover Lula da eleição presidencial de 2018 (que liderava as pesquisas). Impostava muito pouco que essa "elite decadente" tivesse que entregar o país a um homem com uma mentalidade fascista – Bolsonaro. Este, ao votar contra Dilma no "golpe legislativo" de 2016 homenageou o torturador coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra (que havia morrido no ano anterior). A repulsa de ver Bolsonaro fazer comentários desagradáveis e sexistas contra Dilma e em seguida homenagear um homem que tinha sido uma parte fundamental da terrível e longa ditadura militar do Brasil, deveria ter ligado o alarme em pelo menos uma parte dos ricos. Mas estes não têm nenhuma tradição liberal, mas sim uma ideologia decadente de uma velha classe proprietária de escravos que é a janda pela qual emerge o mundo.



Leo Correa, *Comemorar jamais. Lembrar para que não repita. Distância Nunca Mais*. Protesto, 31 de março de 2019, Rio de Janeiro, Brasil.
Uma semana antes do primeiro aniversário de Lula na prisão, o Brasil passou pelo 55º aniversário do "dia que durou 21 anos". Bolsonaro, que havia homenageado o torturador de Dilma, sugeriu que o aniversário do golpe militar fosse celebrado e não criticado. Em 2008, Bolsonaro – que passou este aniversário apropriadamente em Israel – disse que o problema da ditadura militar é que "torturou, mas não matou". Um novo documento dos arquivos italianos mostra que, nos primeiros dias do golpe de 1964, os militares – com a plena cumplicidade do governo dos Estados Unidos – prenderam pelo menos 20 mil pessoas (não os 5 mil anteriores). É provável que o número de mortos também tenha sido evaziado. Quando Camilo Tavares e Karla Ladeia lançaram seu documentário *O Dia que Durou 21 Anos*, em 2012, eu assisti assombrado a história desse brutal golpe apoiado pelos EUA contra um governo democrático, um golpe que durou de 1964 a 1985, e foi enterrado. Quão pouco sabemos das coisas feitas que estão bem na nossa frente.



O Dia que Durou 21 Anos
Foi o movimento popular – do qual Lula foi um importante líder – que derrubou essa ditadura da "elite decadente", em 1985, e foi o povo quem exigiu alívio das penas sofridas em 500 anos de governo oligárquico. Impossível derrubar a miríade de problemas do Brasil em poucos anos, quanto mais daqui a algumas décadas. No entanto, quaisquer ganhos que foram feitos tiveram que ser derrubados, incluindo as políticas de combate à fome e medidas de proteção ao meio ambiente. Os olhos de Bolsonaro, junto com os de muitas corporações internacionais, estão na Amazônia (para saber mais, veja nosso mais recente dossê sobre os gringos para a Amazônia brasileira). É ainda pior, qualquer que fosse a atmosfera democrática criada, deveria ser revertida. O barulho do racismo e da misoginia tenta anular tudo o que é sensível no mundo, a elite se acha no terrível direito de reivindicar a natureza e o trabalho humano para si, dando sentença de morte a iniciativas como Bolsa Família e Brasil sem Miséria. As eleições seguem, e elegaram Bolsonaro, mas estão evaziadas. Esse é um escândalo global. Em nome da democracia, a elite mostrou-se generosa. A grande quantidade de dinheiro, a intimidação dos eleitores, o uso das mídias sociais (notadamente o WhatsApp) para criar confusão se tornam normal em países como Brasil, Estados Unidos, Argentina, Índia (sobre as eleições indianas, recomendo a edição atual do *Frontline*, e sobre a deformação do processo eleitoral, leia minha resenha do novo livro do indiano Pannoy Roy).
A violência se tornou um instrumento da "democracia". O uso homopático dela contra ativistas é comum de um extremo a outro do planeta. Nos acostumamos com a violência contra os militantes políticos, sendo o próprio cinema uma arma da elite contra a esperança. O assassinato do comunista sul-africano Chris Hani, em 1993, pouco antes de o país emergir do *apartheid*, era uma mensagem forte de que a "elite decadente" da África do Sul não toleraria nada além de seu controle sobre a riqueza e os recursos do país. Permitiria "democracia", desde que esta não desafiasse seus ganhos.



tricontinental.org | inspirados por Paulo Freire | Instituto Intransigente de Injustiça Social
Depois da morte de Hani, Nelson Mandela fez seus melhores discursos. "Houve muitas maldanças, e as negociações começaram", disse Mandela, "mas para o negro comum desse país, o *apartheid* está vivo e passa bem". Para o "negro comum" – o afro-brasileiro – um tipo especial de *apartheid* brasileiro também está vivo. "Queremos construir uma nação livre de fome, doença e pobreza, livre de ignorância, falta de moradia e humilhação, um país em que haja paz, segurança e emprego", disse Mandela ao homenagear Hani.
Essa esperança é uma posição hoje. Ela fornece as explosões de energia nos instantes da crueldade. A formação do Partido Socialista dos Trabalhadores Revolucionários na África do Sul, esta semana, ocorre ao mesmo tempo em que, na Argélia, as iniciativas do presidente Abdelaziz Bouteflika abrem um novo processo para seu país, e a cidade turca de Tunceli elege Faik Mehmet Maçoğlu, do Partido Comunista da Turquia, para prefeito. Nessa eleição, o partido governista de Recep Tayyip Erdoğan perdeu nos três maiores estados da Turquia (graças em grande parte à força de esquerda pré-curdia, a HDP). São pequenos gestos contra a "elite decadente", que antecipam ações maiores. É o que Lula verá quando olhar pela janela no dia 7 de abril. Crueldade, sim, mas também esses saltos de esperança otimista.
Cordialmente, Vijay
*Págs 5 and 6: Em Delhi (Índia), na LeftWord Books, Cristiane Ganaka, do nosso escritório de São Paulo (Brasil), lançou edição em inglês de *Truth Will Prevail: Why I have been condemned*, uma longa entrevista com Lula. Ela é apresentada por Sudhanya Deshpande, editor da LeftWord Books. À direita, está a fabulosa capa do livro, desenhada por Tingsh Chak, nossa principal designer. Dossier # 15 – na próxima semana – é sobre design e arte, com propósito político. Fique de olho.

